

FENOMENOLOGIA: O RE-COMEÇAR DA FILOSOFIA DA FENOMENOLOGIA À AXIOLOGIA

José Eymard da SILVA**

*Não convém que a impulsão filosófica surja das filosofias,
mas das coisas e dos problemas.*

Edmund Husserl[†]

O objetivo do nosso trabalho não é outro que promover uma breve reflexão acerca da fenomenologia, uma nova forma de pensar e abordar a realidade, inaugurada por Edmund Husserl no ocaso do século passado.

Reconstituímos, de início, sinteticamente o cenário da profunda e generalizada crise que se instalara em diversos setores do mundo ocidental, nos últimos anos do século XIX, para contextualizar o pensamento e a vida filosófica de Husserl. Ao diagnosticar os sintomas que conduziram à crise, ele não vislumbrou outra forma de combatê-la e, sobretudo, superá-la definitivamente a não ser mediante a racionalização dos fundamentos da filosofia. É nessa perspectiva que propõe a fenomenologia, como condição de pensar os fenômenos na sua integralidade. A filosofia precisa re-começar, abdicando-se da tarefa de fundamentar os conceitos científicos para voltar-se para as coisas, que

([†]) Apud Dartigues, A., O que é Fenomenologia?, S. Paulo, Ed. Moraes, 1992, p.13

(^{**}) Mestrando em Filosofia. Área de concentração em Ética pela PUC-Campinas e Bolsista da CAPES

constituem o fundamento legítimo do conhecimento. Essa atitude radical implica, inclusive, em rejeitar as filosofias do passado, caso não resistam ao rigor das verificações fenomenológicas.

Por fim, deter-nos-emos na questão dos valores, salientando os contributos da fenomenologia à axiologia contemporânea. Restringimo-nos à figura de Max Scheler, que buscou fundamentar fenomenologicamente a moral, constituindo-se num dos pensadores mais significativos nesse âmbito.

1. UM CENÁRIO DE CRISE GENERALIZADA

No final do século XIX, em amplos setores, a filosofia vinha perdendo muito do prestígio que até aquele momento ostentara. Os grandes sistemas filosóficos tradicionais entraram em declínio, inclusive o pensamento de Hegel que, durante várias décadas, exercera profunda influência no mundo ocidental. Pensadores que nessa época despontavam, como Marx, Freud, Nietzsche, ainda não haviam conquistado a significância e o reconhecimento que posteriormente vieram a obter. Assim, o espaço vazio deixado pela filosofia especulativa foi sendo ocupado vigorosamente pelas ciências positivas, a ponto de não faltarem vozes para, em coro uníssono, alardearem que a filosofia só poderia ter sentido e interesse numa perspectiva meramente histórica.

Contudo, a euforia foi logo contida, pois não tardaram os questionamentos sobre a validade das leis e a respeito da objetividade das ciências, abalando a segurança, até então insuspeita, dos fundamentos que davam consistência ao pensamento positivista. Nesse sentido, foi ameaçadora a posição de Dilthey, partilhada por W. James nos EUA e por Bergson na França, sustentando que é preciso voltar ao *sentimento da vida*, mais fundamental do que os dados da ciência.

É dentro dos contornos desse cenário de crise que se delineará o pensamento e a vida filosófica de Edmund Husserl, um descendente de família israelita, nascido na Morávia (Tchecoslováquia),

no ano de 1859. Originariamente, ele se dedicava à Matemática e considerava a filosofia como algo que não merecia muito crédito, em razão da diversidade de sistemas. Porém, as exposições claras e dialéticas de Brentano, com quem entra em contato a partir de 1884, lhe despertam a admiração e o interesse pela filosofia, além de lhe apontarem as insuficiências das ciências humanas. Esse relacionamento frutuoso convence Husserl de que é possível cultivar a filosofia com seriedade, dentro dos padrões de ciência plenamente rigorosa.

Estabelece-se, deste modo, o grande desafio que Husserl abraçará infatigavelmente até a sua morte: a fundamentação da filosofia como ciência. Na análise retrospectiva do pensamento ocidental, observara que a filosofia jamais conseguiu uma fundamentação rigorosa, não podendo sequer ser considerada como ciência, pois o que na realidade existem são apenas tendências filosóficas. Nessa sua empreita, os movimentos predominantes do final do século XIX foram também objeto de suas críticas: rechaça a tendência do naturalismo de pretender naturalizar a realidade, circunscrevendo-a nos limites do físico e do empírico. Argumenta, de outra parte, que a Psicologia partilha da mesma ingenuidade das ciências naturais ao fundamentar-se somente nos dados empíricos e combate o psicologismo que sustentava não haver verdade independente do processo psíquico, na medida em que, confundindo o sujeito do conhecimento com o sujeito psíquico, impunha a necessidade de uma lei psicológica para regular o processo cognitivo. Com relação à corrente denominada *Weltanschauung*, a admite apenas enquanto contribuía para salvaguardar valores pessoais e culturais, uma vez que sua finalidade não era a verdade objetiva, mas unicamente oferecer a melhor resposta possível aos problemas da vida em situações específicas.

Husserl estava, portanto, convencido de que somente uma filosofia científica poderia satisfazer o homem científico moderno. Por isso, atribui a si mesmo a missão de *salvar a razão humana*¹, conferindo

(1) Giles, T. R., *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, S. Paulo, EPU/EDUSP, 1975, p. 134

plena racionalização à filosofia, pois através de seu rigor científico a cientificidade das demais ciências estaria sendo assegurada.

Com propriedade e exatidão, Merleau-Ponty traduz a contribuição nada desprezível de Husserl e da fenomenologia, esse novo estilo ou modo de filosofar por ele proposto como forma de superar definitivamente a crise que se instalara: *A fenomenologia se apresentou desde o seu início como uma tentativa para resolver um problema que não é o de uma seita: ele se colocava desde 1900 a todo o mundo, ele se coloca ainda hoje. O esforço filosófico de Husserl é, com efeito, destinado em seu espírito a resolver simultaneamente uma crise da filosofia, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências pura e simplesmente, da qual ainda não saímos.*²

2. UMA NOVA FILOSOFIA PARA SUPERAR A CRISE

Ao adotar o termo fenomenologia, Husserl não pretendeu ser original. Simplesmente, retomou uma palavra antiga e conhecida nos círculos filosóficos, atribuindo-lhe, no entanto, um sentido totalmente novo, que perdurou no século XX. É provável que o termo tenha sido cunhado originariamente pela escola de Christian Wolff, cujo discípulo J. H. Lambert o utilizou como título da 4ª parte do seu *Novo Organon*, datado de 1764. Significava o estudo das fontes de erro, ou, em outras palavras, a aparência que a fenomenologia descreve é ilusória. Kant também fez uso do termo em uma correspondência endereçada a Lambert, entendendo por ele uma disciplina propedêutica que deveria anteceder a Metafísica.³ Todavia, a palavra foi definitivamente incluída na tradição filosófica e ter uso corrente com Hegel, na obra *Fenomenologia do Espírito* de 1807, para quem a fenomenologia é uma filosofia do

⁽²⁾ Merleau-Ponty, M., *Les sciences de l'homme et la phénoménologie*, Cours de L'Université, Paris, p. 1, apud Dartigues, A., *O que é Fenomenologia?*, S. Paulo, Editora Moraes, 1992, 3ª Ed. p. 8

⁽³⁾ Abbagnano, N., *Dicionário de Filosofia - Verbete Fenomenologia* - S. Paulo, Ed. Mestre Jou, 1982, 2ª Ed., p. 416

absoluto, ou seja, uma retomada do caminho pelo Espírito no evoluir da história.

Sobre o que Husserl pretendeu designar ao valer-se desse termo, não se pode desconsiderar a definição estabelecida por Lyotard, que assim escreve precisamente: *A fenomenologia... é uma meditação lógica, com vista e por meio de uma linguagem ou logos que exclua a incerteza. O anseio cartesiano de uma 'mathesis universalis' renasce em Husserl. Neste caso é verdadeiramente filosofia, e mesmo filosofia pós-kantiana, pois pretende evitar a sistematização metafísica. É uma filosofia do século XX, que sonha com a restituição a este século de sua missão científica, fundamentando em novas exigências as condições da ciência.*⁴

Etimologicamente, fenomenologia significa estudo dos fenômenos. Porém, Husserl não concebe a idéia de fenômeno da forma com a entendiam Platão e Kant. Se para estes o fenômeno era uma simples aparência, em oposição ao mundo inteligível ou numeno, para Husserl é a manifestação plena de sentido, consistindo a tarefa da filosofia em se ater àquilo que se revela por si mesmo em toda a sua intuitiva exuberância e riqueza⁵, para explicitar o seu sentido, numa postura de rompimento com a atitude natural, incapaz de atingir as coisas na sua totalidade, uma vez que despreza a atividade de um sujeito pensante ou transcendental. Significa que a preocupação de Husserl é pensar os dados da experiência na sua totalidade, de acordo com a sua natureza e em cada uma de suas diferenças. Desta forma, podemos afirmar que a fenomenologia se configura como um estudo ou reflexão racional acerca dos fenômenos puros e absolutos, que permite, a partir de uma atitude penetrante, descrever, de forma fiel e plena, os fenômenos tal qual aparecem na consciência. É o mesmo que dizer que o fenômeno não é uma aparência mais ou menos duvidosa, mas é aquilo que se oferece originariamente à observação pura.⁶

(4) Lyotard, Jean-François, A fenomenologia, Lisboa-Portugal, Edições 70, 1986, p.10

(5) Heimsoeth, Heinz, A filosofia no século XX, Livraria Acadêmica Saraiva & C. - Editores - S. Paulo, 1941

(6) Gilles, T. R. op. cit. p. 132

Nesta posição de Husserl, transparece a influência de Brentano que, após distinguir entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos (estes implicam uma intencionalidade), sustentou que os fenômenos podem ser percebidos e que a percepção original que deles se tem constitui conhecimento fundamental. Destarte, Husserl amplia e plenifica o âmbito do conhecimento humano, atendendo, de um lado, as exigências do positivismo que recusa qualquer conhecimento que não provenha da experiência sensível, e, de outro, incorpora nesse ato um dado descartado pela ciência: a vida.⁷

A missão da filosofia não será mais a busca de uma fundamentação reflexiva para os conceitos científicos, mas voltar-se para a realidade das coisas incluindo-se nelas as vivências e todos os dados do real. É interessante como Lyotard percebe esse processo de mudança do foco da filosofia: *Compreendem-se agora as duas faces da fenomenologia: uma forte confiança na ciência instiga a vontade de assentar as suas bases com solidez, a fim de estabilizar todo o edifício e impedir nova crise. Mas, para realizar tal operação é preciso sair fora da ciência e mergulhar naquilo em que ela inocentemente mergulha. É por vontade racionalista que Husserl se empenha no ante-racional.*⁸

Enfim, para Husserl não há outro caminho para resgatar e revestir de racionalidade a filosofia, a não ser promovendo um retorno às coisas mesmas. Esse movimento permitirá que a filosofia delimite e solidifique seu espaço entre o discurso especulativo da metafísica e as práticas próprias das ciências positivas.

3. O RETORNO ÀS COISAS MESMAS

Eis a condição para devolver a este século a sua missão científica. Para que não permaneça embutida em especulações vazias, a filosofia precisa **re-começar**, assentando o conhecimento em novas

⁽⁷⁾ Dartigues, A., op. cit. p. 10

⁽⁸⁾ Op. cit. p. 11

bases, ou seja na própria coisa (*res*), a fim de que possa restituir o ânimo à civilização ocidental, resgatar no homem o seu destino filosófico e elevar-se à condição de ciência universal.⁹

Esse projeto somente se viabilizará na medida em que as convicções até então admitidas sejam relegadas, para que os significados, depurados de pressupostos de ordem metafísica, dos conceitos das ciências naturais, enfim, de pré-conceitos de toda ordem, possam ser captados em toda a sua integralidade. Requer essa postura radical que a investigação não mais se apóie nos filósofos com seus sistemas repletos de controvérsias, mas nas próprias coisas da forma como se revelam na sua absoluta e irrefutável pureza. Os resultados das filosofias do passado só serão admitidos na medida em que resistirem ao crivo da fenomenologia. Assim, a base da nova filosofia é definida pelo próprio sentido dos problemas que se interpuserem e das soluções e respostas que a eles serão apresentadas, as quais serão submetidas a um grau de verificação jamais observado. *Nada admitimos como pressuposto, nem sequer o conceito de filosofia, asseverava, Husserl.*¹⁰

Voltar às coisas mesmas não significa, contudo, reduzir o conhecimento às coisas sensíveis - o que redundaria num ceticismo tal qual chegara Hume -, mas captar a essência (sentido) dos fenômenos. É a essência que permite designar e nomear o dado, pois é sempre idêntica a si própria, não obstante as circunstâncias e contingências que cercam sua manifestação. Quer dizer, a intuição da essência não é uma simples percepção do fato, mas uma visada ou mirada do sentido que se atribui ao fato, tornando possível sua identificação, sem que este ato seja revestido de qualquer conotação metafísica, pois a essência nada mais é do que aquilo que a própria coisa revela à consciência e que é impossível à consciência pensar de outro modo.

As essências, entretanto, não têm existência por si próprias, mas existem apenas no ato de consciência que as visa e da forma como são apreendidas na intuição. É o que Brentano chamava de

⁽⁹⁾ Gilles, T. R., op. cit. p. 157

⁽¹⁰⁾ Lyotard, op. cit. p. 18

intencionalidade, um conceito que recobrou da filosofia medieval: a consciência é sempre consciência de alguma coisa e só é consciência enquanto dirigida a um objeto. Da mesma forma, o objeto só tem sentido em relação à consciência, ou seja, é sempre um objeto para um sujeito, sendo impensável em si mesmo. São claras e elucidativas as palavras de Dartigues sobre a existência intencional do objeto na consciência: *Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta correlação que lhes é, de alguma maneira, co-original. Se a consciência é sempre 'consciência de alguma coisa' e se o objeto é sempre 'objeto para a consciência' é inconcebível que possamos sair dessa correlação, já que fora dela não haveria nem consciência, nem objeto.*¹¹

Essa correlação, no entanto, somente se plenifica na medida em que a consciência, interrompendo a sua crença na realidade do mundo exterior, assume a condição de consciência transcendental, ou seja, aquela que permite com que ele apareça e lhe atribui o seu sentido. Essa é a atitude, denominada por Husserl de *atitude fenomenológica*. Assim, a consciência deixa de ser uma parte do mundo, para tornar-se o lugar por excelência de seu desdobramento no campo da intencionalidade, de tal maneira que o mundo não é nada mais do que é para a consciência, eliminando-se definitivamente aquele caráter de duvidoso a ele atribuído por Descartes. A atitude fenomenológica, ao captar os fatos antes de qualquer formulação lógica, não suprime as características essenciais do mundo, permanecendo ele tal como é, com seus valores e significações. Ela elimina, porém, os resultados de abordagens ingênuas que, ao pretenderem focá-lo em si, remetiam a especulações metafísicas que truncavam a possibilidade de um conhecimento rigoroso.

Isso não significa, contudo, que a fenomenologia exclua de seu âmbito as preocupações que eram próprias das metafísicas tradicionais. Ela abarca os problemas por elas propostos, com a

⁽¹¹⁾ Op. cit. p. 19

diferença que permanece enraizada no solo da experiência, pois a referência à intuição é contínua.¹²

Encerrando este tópico, não há como negar que a fenomenologia promoveu verdadeiramente um alargamento da consciência reflexiva em diversos setores do pensamento filosófico contemporâneo, ampliando e aprofundando a problemática do conhecimento. Um dos campos onde a influência foi mais intensa é o que se refere ao conhecimento dos valores e aos próprios valores em si mesmos, de tal forma que a axiologia filosófica passou a ocupar lugar privilegiado na filosofia contemporânea.

4. A FENOMENOLOGIA E A QUESTÃO DOS VALORES

A problemática dos valores não era um tema que aflorara recentemente, mas desde o século XIX fazia parte das preocupações dos pensadores. Ganhou, entretanto, maior amplitude a partir do momento em que Nietzsche proclamou a inversão radical de todos os valores, por considerar que a moral vigente era contrária aos valores vitais, pois os princípios que apregoava conduziam a uma negação da vida. O impacto causado por Nietzsche foi positivo, no sentido de que muitos pensadores passaram a se empenhar na busca de uma solução filosófica urgente, desenvolvendo um trabalho de investigação amplo e multifacetado sobre o mundo dos valores, no que diz respeito à sua natureza ôntica, hierarquia, sentido e conteúdo material, verificando-se, inclusive, em oposição a filosofia idealista transcendental que dividia a realidade em ser e dever ser, em valor ideal e realidade empírica, um movimento voltado para a questão da significação constitutiva e da estrutura dos valores, no que se refere à própria experiência que deles se tem e à sua realidade.¹³

Um dos pensadores mais representativos e consistentes na abordagem dessa temática foi Max Scheler que, apesar de não ter

⁽¹²⁾ Dartigues, op. cit. p. 25

⁽¹³⁾ Heimsoeth, H., op. cit. pp. 42-48

formulado uma ética sistemática, dedicou-se prolongadamente à fundamentação dos problemas da ética filosófica, buscando na fenomenologia um fundamento novo para a moral. Não obstante, tenha, em muitas circunstâncias, se distanciado dos moldes da fenomenologia da forma como propusera seu fundador, ele é um dos primeiros que se aglutinaram em torno de Husserl, sobressaindo em toda a sua obra o problema moral como aquele em que transparece de maneira mais acentuada a inspiração fenomenológica.

Convém lembrar que o contexto ético-filosófico do início do século era profundamente marcado pela doutrina de Kant, considerada a mais bem acabada e, portanto, a mais sólida. Entretanto, a ética kantiana era puramente formal, porque, no intuito de assegurar a necessidade e a universalidade dos princípios morais, Kant depurou-os de todo o resquício empírico, emergindo como critério único de moralidade de um ato a sua conformidade ou não conformidade com a lei decretada pela razão. Quer dizer, na medida em que Kant privilegia a razão, atribuindo à consciência o fundamento da moral, ele despreza tudo aquilo que é próprio da natureza humana, como os instintos, as paixões, as tendências a tudo o que é empírico. Daí resulta que a vontade humana precisa ser submetida à lei do dever, de tal forma que o mérito moral decorre do cumprimento da lei. Ações vinculadas à sensibilidade ou ao desejo empírico, mesmo que sejam boas materialmente, são, portanto, estranhas à moral.

Pretendendo superar o formalismo kantiano, Scheler propõe uma ética material, de conteúdos. É, no entanto, da mesma opinião de Kant de que uma ética não pode de fato se fundar sobre os bens e os fins. Desnecessário dizer que essa ética estaria sujeita aos relativismos decorrentes das flutuações históricas. Embora ambos concordem que a moral deve ter um fundamento *a priori*, a forma como o entendem é bem distinta. Para Kant, o *a priori* é puramente formal, representando a atividade de síntese pela qual o entendimento impõe formas, dando uma estrutura à matéria caótica dos dados sensíveis.¹⁴ De sua parte, rechaçando a idéia kantiana de um sistema de conceitos e princípios de uma consciência que impõe suas leis aos objetos da experiência, a

⁽¹⁴⁾ Dartigues, op. cit. p. 144

fenomenologia identifica o *a priori* com o mundo das essências que, de um lado, subsiste fora de toda experiência e, de outro, é objeto de uma intuição, constituindo, portanto, conteúdo do conhecimento. O *a priori* é um conteúdo essencial dado na intuição.

*A concepção do 'a priori' como elemento subjetivo de uma consciência transcendental opera inevitavelmente a separação entre coisa em si e fenômeno, na qual só este é acessível, enquanto aquela permanece eternamente incognoscível. Se o 'a priori', em contrapartida, é um conteúdo essencial do conhecimento, ele nos abre ao conteúdo absoluto do ser e do valor do mundo, posto que já não há razão para a separação entre coisa em si e fenômeno.*¹⁵

Ao transportar para o âmbito da ética as conclusões da fenomenologia, Max Scheler embasa a ética na axiologia, estabelecendo que os valores são essências que se descobrem na vida concreta. Destarte, os valores passam a constituir os fundamentos últimos de todos os fenômenos morais, ou seja, os fundamentos *a priori* dos bens, dos fins, dos imperativos, dos sentimentos, da direção do espírito, etc. Quer dizer, para Scheler o mundo dos valores é tão objetivo quanto o das essências, constituindo um *a priori* material, passível de ser captado pela intuição.

Scheler vai ainda mais além, na medida em que introduz no âmbito do conhecimento um domínio novo não contemplado no universo racionalista das investigações de Husserl e desprezado pelas ciências positivas: a vida emocional. Ele promove uma elevação dessa dimensão ao nível do racional que, considerada fenomenologicamente, é de fundamental importância no mundo dos valores.

CONCLUSÃO

Embora Husserl proponha a fenomenologia como único modo de evitar pressupostos, ao que parece, não se dá conta de que

⁽¹⁵⁾ Azevedo, Juan Llambias, Max Scheler exposicion sistematica y evolutiva de su filosofia, Argentina, Editorial Nova Buenos Aires, 1966, p. 32

construiu todo o seu edifício sobre o pressuposto da razão. Contudo, isso não diminui o seu mérito pelo esforço incansável na busca de uma fundamentação racional para a filosofia. Há que se reconhecer que esta nova atitude mental incluiu em seu campo de visão novos domínios da consciência e da experiência, além de outros campos da realidade objetiva, que se incorporaram à reflexão e compreensão filosóficas. Quer dizer, a filosofia voltou a se aproximar das coisas e, por conseguinte, da vida. Ampliou-se consideravelmente o âmbito do conhecimento. Nesse sentido, pode-se dizer que a filosofia re-começou com Husserl. Além disso, no campo da moral a fenomenologia, na medida em que contribuiu para superar o formalismo e o rigorismo ético kantiano, pode oferecer condições para o surgir de uma ética calcada em valores objetivos, que, talvez, possa responder de forma mais apropriada aos autênticos anseios éticos do homem contemporâneo e de seu mundo paradoxalmente tão deseticizado.